

DF - Invasão

FALTA DINHEIRO PARA MANDAR MIGRANTES DE VOLTA E ALOJAR QUEM INSISTE EM FICAR

INVASOR VENCE A GUERRA

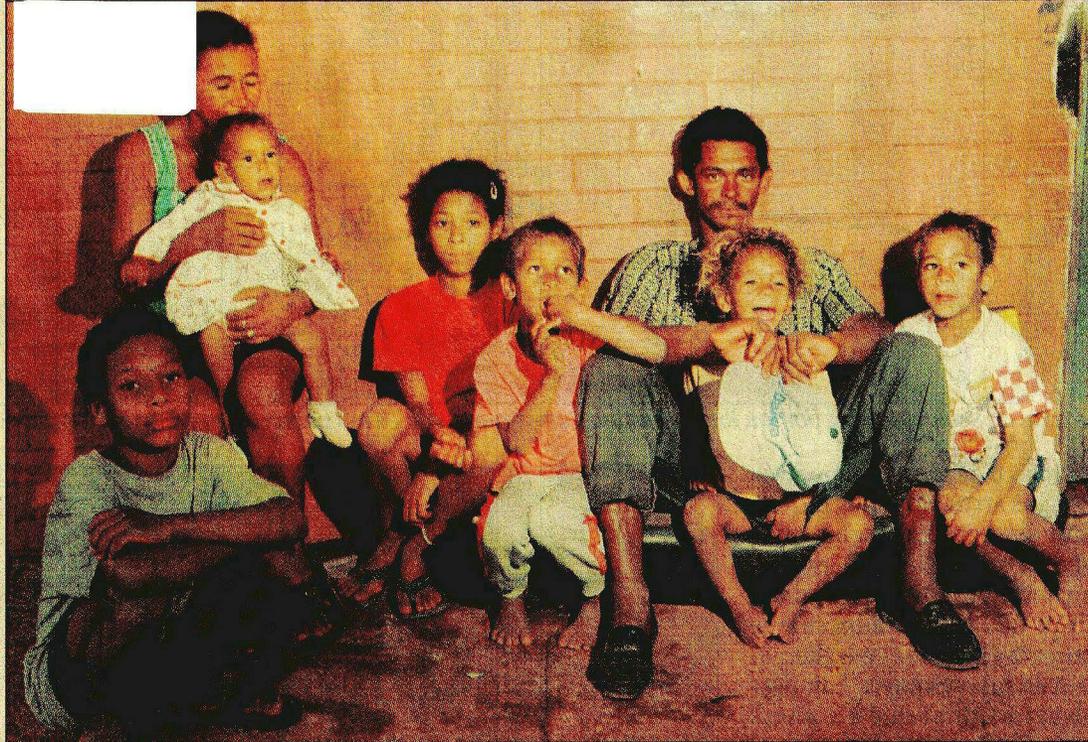
Rovênia Amorim
Cristina Ávila
Da equipe do **Correio**

Primero, o governador Joaquim Roriz prometeu ser implacável com as invasões. Nenhuma sobreviveria no Distrito Federal. Deu até prazo: 72 horas para que os invasores deixassem os barracos. Depois viriam os tratores para fazer a remoção. Passados seis meses, o governo admite a impotência. Não sabe como resolver o problema a curto prazo. As grandes operações de retirada de invasões estão suspensas.

A justificativa oficial é que faltam dinheiro para mandar os invasores para suas cidades de origem e lugar para colocar os que insistem em ficar. Enquanto isso, os cinco maiores focos de invasão imperam no Distrito Federal. São 10.200 barracos espalhados por Planaltina, Brazlândia, Samambaia e Recanto das Emas, além da famosa favela da Estrutural, que aumenta.

“Querer tirar todas as invasões, nós queremos. Mas não temos como fazer grandes remoções. Não temos recursos para isso”, diz o coronel Jair Tedeschi, gerente do Sistema Integrado de Vigi-

Jorge Cardoso



Gilvan Domingos, com a mulher e os filhos, vem pulando de invasão em invasão há mais de 15 anos

lância do Solo (SivSolo). Nos primeiros dois meses de governo, as megaoperações impressionavam. Mesmo pregando derrubadas sem violência, o comboio de máquinas e o pelotão de policiais militares, fiscais e funcionários assustavam.

Mães com crianças maltrapi-

lhas reclamavam. Choravam e xingavam. Mas iam. Os caminhões-caçamba da Terracap levavam a mudança. Depois das primeiras experiências, o governo desistiu. Além de caras, as derrubadas estavam criando uma bola de neve. Os invasores passaram a morar no Centro de Apoio

Social, o albergue de Taguatinga, que funciona como abrigo transitório para os migrantes que vêm a Brasília em busca de emprego ou tratamento médico.

Uma vez no albergue, os invasores não querem mais sair sem um lote. Pior ainda. Além de lotarem o alojamento, passaram a

convencer migrantes a ficarem na cidade. E a lutarem também por lotes. “As famílias da invasão pensam que ficar no albergue é garantia do lote. Têm medo de saírem daqui e

serem esquecidos”, explica a assessora da direção do CAS, Gilzete Nogueira Peixoto.

Se as megaoperações continuassem, o albergue estouraria a capacidade de alojar 206 famílias. E prejudicaria o alojamento do vaivém de migrantes. “As pequenas retiradas já nos complicam. Imagina as grandes? Fechariam o CAS. Não temos espaço físico nem comida pra tanta gente”, constata a assessora. Só os invasores que estavam na expansão do Areal, em Taguatinga, ocupam 17 alojamentos.

A baiana Ivone Bispo dos Santos, 36 anos, mãe de seis filhos está num dos alojamentos do albergue. E não sai. “Vou ficar esperando meu lote aqui um, dois ou dez anos. Não importa o tempo que levar”, justifica a mulher. O catador de papel, Gil-



van Domingos da Silva, 32 anos, é outro ex-invasor que está no albergue.

Tudo que quer é um lote para construir um barraco e morar com a mulher Genalva e cinco filhos.

No Distrito Federal desde 1983, ele pulou de invasão em invasão. Chegou a receber auxílio aluguel por um mês do governo. Mas o dinheiro que ganha vendendo papel para reciclagem não era suficiente para continuar bancando a despesa por conta própria. Voltou para as invasões.

“Agora chega. Já morei em 50 pontos diferentes nessa Brasília. Mereço e tenho direito a um lote”, cobra o alagoano, que mal sabe desenhar o nome.

■ Leia mais à página 2